

O poder muda de mãos

O conflito cria um mundo novo

A invasão da Polônia, em setembro de 1939, detonou a Segunda Guerra Mundial e foi a primeira de uma série de fulminantes campanhas militares alemãs, conhecidas como *blitzkrieg* (guerra-relâmpago). Era um novo estilo de guerra, de movimentação rápida, em que se coordenava a atuação de forças blindadas (tanques) combinadas com a aviação.

Esta estratégia permitiu que a Alemanha conquistasse, em menos de um ano, a Polônia, Dinamarca, Noruega, Bélgica, Holanda e França. As vitórias alemãs foram relativamente fáceis, porque seus adversários, inclusive o poderoso exército francês, ainda estavam presos às ultrapassadas concepções militares da Primeira Guerra Mundial.

Na Europa Ocidental, o único obstáculo que restava à Alemanha nazista era a Inglaterra. Hitler achava, erroneamente, que, depois da capitulação da França, poderia persuadir a Inglaterra a negociar a paz. Mas, os ingleses permaneceram obstinados na intenção de resistir. Nesta época, a Inglaterra já tinha um novo primeiro-ministro: o apaziguador Chamberlain havia sido substituído pelo determinado Winston Churchill.

Pouco antes da queda da França, Churchill discursava no Parlamento: "Nada tenho a oferecer, exceto fadiga, sangue, suor e lágrimas (...) Iremos até o fim. Lutaremos na França, lutaremos nos mares e oceanos, combateremos com confiança cada vez maior e com poderio crescente nos ares; defenderemos nossa Ilha, custe o que custar. Combateremos nas praias, combateremos nas



O acordo anglo-russo... segundo as idéias britânicas

pistas de pouso, combateremos nos campos e nas ruas, combateremos nas colinas; jamais nos renderemos."

Não foi preciso tanto. A Batalha da Inglaterra foi travada exclusivamente nos ares, de agosto de 1940 até meados de 1941. A Alemanha acabou desistindo da invasão, pois sua força aérea, a Luftwaffe, não conseguiu obter a supremacia, tendo sido derrotada pela Royal Air Force, a RAF. Ao comentar o heróico desempenho dos pilotos ingleses, Churchill proferiu a célebre frase: "Nunca tantos deveram tanto a tão poucos."

Hitler desistiu de invadir a Inglaterra e atacou a URSS

A Batalha da Inglaterra evitou a invasão alemã, assim como a Batalha Naval de Trafalgar (1805) acabou com as esperanças de Napoleão Bonaparte. Coincidentemente, Hitler, frustradas suas ambições inglesas, fez o mesmo que Napoleão: voltou-se contra a Rússia.

Depois de ter garantido o domínio dos Bálcãs, a Alemanha lançou-se a seu maior empreendimento: a invasão da União Soviética. Os nazistas, como de hábito, atacaram sem prévia declaração de guerra, no dia 22 de junho de 1941.

O avanço inicial dos alemães foi arrasador, ocupando a Ucrânia, cercando Leningrado e atingindo as imediações de Moscou. Mas, as precariedades do terreno e as imensidões da Rússia acabaram dificultando uma campanha no estilo *blitzkrieg*. Aos poucos, a ofensiva foi perdendo o ímpeto, e os soviéticos começaram a organizar melhor as defesas.

A arrogância alemã, de achar que poderia conquistar Moscou rapidamente, teve graves conseqüências. Seus exércitos não possuíam agasalhos suficientes para enfrentar o frio russo. Uma divisão Panzer, por exemplo, perdeu 63 soldados em combate e 325 por ulcerações produzidas pelo frio. Da mesma forma que na guerra napoleônica, o "General Inverno" ajudava a derrotar os invasores.

Richard Sorge, um comunista alemão que espionava para os soviéticos em Tóquio, também deu uma contribuição importante para salvar Moscou. Acreditando em suas informações de que o Japão não atacaria a URSS, Stalin tomou a decisão de transferir tropas siberianas para a defesa da capital. Para homens que vinham da Sibéria, o inverno moscovita parecia até um clima ameno.

Um general alemão, que os enfrentou, disse: "Ficamos por demais impressionados. Fomos atacados no início da manhã, numa temperatura de aproximadamente 35 graus abaixo de zero. O ataque foi repellido. Os soldados soviéticos permaneceram quase imóveis durante oito horas, estendidos sobre a neve. Ao cair da noite, eles atacaram novamente, com a mesma disposição."

A Grande Guerra Patriótica mobilizou os soviéticos

Moscou foi salva, mas não havia muitos motivos para otimismo. A chamada Grande Guerra Patriótica estava apenas começando. A União Soviética ainda teria que enfrentar, praticamente sozinha, durante longos e sangrentos anos, a maior quantidade e as mais



Hitler elegeu Stalingrado como troféu pessoal, pois a conquista da cidade que celebrava o líder soviético quebraria o moral do inimigo. O melhor do exército alemão viu-se imobilizado, disputando trechos de rua por semanas (acima). Stalin ganhou tempo, com a resistência heróica e a ajuda do inverno. Filas de soldados alemães (abaixo) são conduzidos ao campo de prisioneiros

bem equipadas divisões do exército alemão. Entre soldados e civis, a União Soviética perdeu cerca de 20 milhões de pessoas na guerra.

Em toda a Europa ocupada, os nazistas implantaram uma “nova ordem”, baseada no terror policial-militar. Mas foi no Leste que as atrocidades atingiram o ápice da selvageria. Um soldado alemão, de licença em casa, contou à mulher: “Você sabe como nos comportávamos em relação aos civis? Como diabos saídos do inferno (...) Acredite em mim, Else, se alguma vez os russos batessem nessa porta e aqui fizessem metade do que lhes fizemos, você nunca mais iria sorrir ou cantar.”

A repressão nazista estava a cargo principalmente da polícia política, a Gestapo, e das temíveis tropas de choque, as Waffen-SS. As SS foram responsáveis pela operação da “solução final”, que resultou no extermínio de 6 milhões de judeus e de outros povos “indesejados”, como os ciganos e os eslavos.

Justificando o adjetivo de mundial, a Segunda Guerra, muito mais do que a Primeira, extrapolou os limites do continente europeu. Em terras americanas, a guerra se fez sentir, sobretudo, pela atividade dos submarinos alemães no Oceano Atlântico, dos quais diversos navios mercantes brasileiros foram vítimas. No Atlântico Sul, chegou a ocorrer um combate naval no estilo clássico, a Batalha do Rio da Prata, quando cruzadores britânicos conseguiram afundar um dos melhores navios alemães, o encouraçado *Graf von Spee*.

Na África do Norte houve guerra de 1940 até 1943. Alemães e italianos tentaram, sem sucesso, arrebatar dos ingleses o controle do estratégico Canal de Suez. Neste cenário da guerra, destacou-se o comandante alemão do *Afrika Korps*, o lendário general Erwin Rommel, conhecido como a “Raposa do Deserto”.

Na Ásia, a guerra foi levada pelo Japão à China

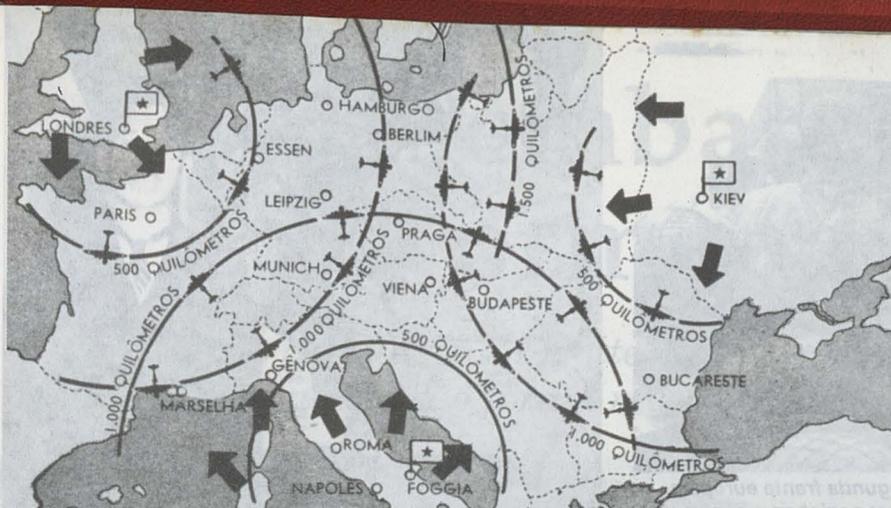
A China estava em guerra com o Japão desde 1937. O conflito na Ásia se expande a partir de 7 de dezembro de 1941, dia em que aviões japoneses atacaram, de surpresa, a base aero-naval norte-americana de Pearl Harbour. Iniciava-se um previsível conflito entre os EUA e o Japão, pela hegemonia no Pacífico.

O ataque destruiu a maior parte da frota americana do Pacífico. Só mais tarde se percebeu que o desastre não fora tão grande como se imaginara. Para a sorte dos Estados Unidos, nenhum dos porta-aviões disponíveis estava na base, quando os japoneses atacaram. O futuro da guerra demonstraria o papel fundamental desse tipo de navio, compensando um pouco a perda dos cruzadores e encouraçados afundados em Pearl Harbour.

Além de atacar os EUA, os japoneses também invadiram as possessões européias na Ásia, formando um imenso império que incluía parte da China, as Filipinas, a Indochina, a Malásia, a Indonésia, Cingapura, além de centenas de ilhas espalhadas pelo Pacífico. Esta expansão japonesa se fez com a mesma rapidez das conquistas alemãs do início da guerra.

Logo depois do ataque japonês a Pearl Harbour, a Alemanha e a Itália declararam guerra aos EUA. Após o fim da Primeira Guerra Mundial, a política externa norte-americana caracterizara-se por um crescente isolacionismo em relação aos problemas da Europa. Mas, na verdade, desde 1940 os EUA já não estavam propriamente neutros diante do conflito europeu, pois cada vez mais aumentava sua solidariedade com a Inglaterra. Em março de 1941, o Congresso norte-americano aprovou a Lei de Empréstimos e Arrendamentos, que previa o fornecimento de material bélico, em condições bastante facilitadas de pagamento.

O ano de 1941 termina com uma definição mais clara dos blocos em luta: de um lado, os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), e, do outro, o bloco dos Aliados (EUA, URSS e Inglaterra). Muitos países do mundo se engajaram, em maior ou menor grau, à causa alia-



A aviação foi arma decisiva na Segunda Guerra e manteve a Alemanha e áreas ocupadas sob a constante destruição dos bombardeiros

iniciando-se a invasão da Itália. Mussolini foi deposto e o novo governo italiano negociou a rendição com os Aliados. Os alemães então ocuparam o centro e o norte do país, resgataram Mussolini, e a campanha na Itália se arrastará lentamente, até o final da guerra.

Desde 1942 que a URSS clamava pela abertura de uma segunda frente na Europa Ocidental, que aliviaria a pressão sofrida por seus exércitos. A invasão da Itália não atendeu as suas expectativas, pois se fosse realizada na França teria um peso militar bem maior.

A invasão da França ficou decidida na Conferência de Teerã, realizada em novembro de 1943, a primeira a reunir os três grandes líderes aliados: Stalin, Roosevelt e Churchill. O desembarque

da. O mesmo aconteceu, em escala bem mais reduzida, em relação ao Eixo.

O governo brasileiro, que chegou a nutrir simpatias pelo nazi-fascismo, acabou declarando guerra aos países do Eixo, em agosto de 1942. Dois anos depois, com o envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) para a Itália, o Brasil se transformava no único país latino-americano a participar diretamente do conflito, o que justifica sua presença, neste ano, nas comemorações européias do cinquentenário do fim da Segunda Guerra Mundial.

Com seus imensos potenciais econômicos, a entrada da URSS e dos EUA na guerra acabaria por definir o conflito, a longo prazo, em favor dos Aliados. A URSS conseguiu transferir boa parte da sua estrutura produtiva para além dos Montes Urais, região a salvo da invasão alemã. O presidente Roosevelt definiu os EUA como o "arsenal da democracia". A indústria norte-americana foi totalmente convertida para a guerra, e no auge do conflito ela era capaz de produzir um avião a cada cinco minutos.

A partir de 1942, a guerra começa a mudar de direção

Na frente russa, a grande virada começou com a Batalha de Stalingrado, uma das maiores da guerra, cuja ferocidade pode ser comprovada neste depoimento de um oficial alemão: "Para tomarmos uma única casa lutamos quinze dias, lançando mão de morteiros, granadas, metralhadoras e baionetas. Já no terceiro dia, 54 cadáveres de soldados alemães estavam espalhados pelos porões (...) Perguntem a qualquer soldado o que significa meia hora de luta corpo a corpo, numa peleja deste tipo. Depois, imaginem Stalingrado por oitenta dias e oitenta noites de luta corpo a corpo. As ruas já não se medem por metros, mas por cadáveres."

No Pacífico, a expansão japonesa, que agora ameaçava a Austrália, foi de-

tida com as vitórias norte-americanas nas batalhas aeronavais de Midway e do Mar de Coral. No Atlântico, o aperfeiçoamento de técnicas defensivas, aos poucos diminui os efeitos devastadores que os submarinos alemães causavam nos comboios aliados.

Em julho de 1943, ocorre um desembarque anglo-americano na Sicília,

Diário de guerra

O jornalista não costuma enfrentar uma jornada de trabalho tranqüila. A profissão está entre as dez com maior risco de estresse. Imagine, então, a tensão enfrentada por um correspondente de guerra. Não de um conflito "eletrônico", como a Guerra do Golfo, mas da Segunda Guerra Mundial.

O jornalista Joel Silveira, então com 26 anos, viveu durante quase nove meses, na Itália, a experiência de enfrentar a *front* do maior conflito armado do planeta. E sobreviver.

"A guerra é suja, nojenta. Os jornalistas não estavam lá a passeio. Sofremos muito nos Apeninos: muito frio, medo, desconforto, e aquele constante odor de sangue velho e óleo diesel, que é o cheiro da guerra. E mais o tédio dos longos dias e noites em locais inviáveis, sitiados pela neve", relata o repórter.

Joel trabalhava para o grupo *Diários Associados*, que distribuía os textos para 54 jornais brasileiros. Contava com uma franquía telegráfica exclusiva, privilégio compartilhado somente por Egydio Squeff, de *O Globo*, o que permitia que os textos fossem publicados até no mesmo dia nos jornais vespertinos, dependendo do horário do envio. Os textos de Rubem Braga (*Diário Carioca*), Raul Brandão



Joel Silveira

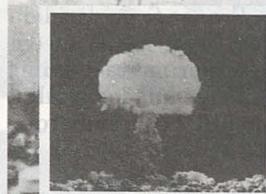
(*Correio da Manhã*) e Thassilo Mitke (*Agência Nacional*) levavam em média 20 dias para chegar ao Brasil.

Segundo Joel Silveira, a presença dos correspondentes na frente de batalha "era sempre bem-vinda", já que levavam jornais (de 20 dias passados) e cartas com notícias do Brasil para os combatentes, além de repassarem para o Brasil, semanalmente, mensagens curtas escritas pelos membros da Força Aérea Brasileira, publicadas nos jornais. No início, o seu comando foi arredo à presença dos jornalistas: "Tivemos de vencer a frieza e mesmo a desconfiança, que nunca chegou a ser uma declarada hostilidade, do comando da FEB. Mas o ambiente frio foi se descongelando, logo que chegaram (à Itália) os nossos primeiros despachos publicados no Brasil. Perceberam que estávamos ali para ajudar e não para atrapalhar."

(*Marcelo Monteiro*)



O Dia D (6/6/1944) marca a abertura da segunda frente européia, reclamada pelos soviéticos, que suportavam sozinhos o confronto direto com os nazistas desde 1941. O desembarque na Normandia foi a maior operação aeronaval já realizada



Após a bomba e a rendição, um toque de ironia: Hirofita é convocado ao local onde se hospeda o general Mac Arthur, para receber instruções. O militarismo japonês expirava, todas as forças seriam revertidas para o triunfo econômico

na Normandia, que passou para a História como o Dia D, ocorreu em 6 de junho de 1944. Foi a maior operação aeronaval realizada até hoje.

O Dia D deixou cerca de cinco mil soldados aliados mortos ou feridos. Um dos sobreviventes, o diretor Samuel Fuller, posteriormente faria um filme (Agonia e glória) bastante realista sobre o episódio. Mesmo assim, ele não ficou satisfeito, dizendo na estreia: "O desembarque não foi isso. Se quisesse dar uma idéia da guerra, teria de jogar umas granadas e metralhar vocês."

Apesar das baixas elevadas, a operação foi coroada de êxito. Nas comemorações do cinquentenário do Dia D, realizadas no ano passado, especulou-se sobre o que teria acontecido, se o desembarque tivesse fracassado. Entre outras, foram levantadas as hipóteses de um ataque nuclear à Alemanha, e de que não teria havido um Muro de Berlim, mas um Muro de Roma, ou de Paris, pois o avanço irresistível do Exército Vermelho poderia não se deter na capital alemã.

Realmente, o fato é que quando foi aberta a tão almejada segunda frente, os russos já não precisavam dela como antes. É bastante provável que a União Soviética, a esta altura, tivesse condições de derrotar a Alemanha sozinha e mesmo ocupar a Europa Ocidental. Entretanto, não há nenhum indício concreto de que ela tivesse esta intenção, e Stalin saudou com alívio o Dia D: "A história da guerra não conhece outro feito comparável ao desembarque da Normandia, seja por sua concepção, grandeza ou perfeita execução."

Os líderes aliados voltam a se reunir em Ialta, no sul da Rússia, em fevereiro de 1945. As principais questões debatidas foram a delimitação das esferas de influência no pós-guerra e a divisão da Alemanha em zonas de ocupação. A URSS se comprometeu a entrar na guerra contra o Japão, depois da derrota da Alemanha.

Os soviéticos foram os primeiros a entrar em Berlim. A Alemanha se rendeu incondicionalmente, no dia 8 de maio de 1945. Adolf Hitler já havia se suicidado no dia 30 de abril.

A nova paz surgiu sob o terror da bomba atômica

A guerra prosseguia no Pacífico. Os japoneses estavam utilizando pilotos suicidas, os *kamikases*, que se jogavam contra os navios dos EUA, com seus aviões carregados de explosivos.

Com a morte de Roosevelt, em abril de 1945, coube a Harry Truman tomar a polêmica decisão de lançar as bombas atômicas sobre Hiroxima e Nagasaki, nos dias 6 e 9 de agosto, respectivamente. Sem alternativas, o Japão acabou se rendendo incondicionalmente, no dia 14 de agosto de 1945.

A Segunda Guerra Mundial chegava ao fim, e iniciava-se a Era Nuclear. Ao receber a notícia da destruição de Hiroxima, o físico nuclear Albert Einstein comentou: "O homem não seria capaz de fazer isso, mas o fez. Certamente não seria capaz de fazer a terceira guerra mundial, mas a fará. Não sei como ela será disputada, mas já sei como será travada a quarta: com paus, pedras, tapas e mordidas."

(Marco André Balloussier)